

# Herança psíquica transgeracional: “qual a parte que te cabe neste latifúndio?”

Anna Silvia Rosal de Rosal<sup>1</sup>

---

**RESUMO** O objetivo do presente artigo é discutir os destinos do traumático a partir da história de um refugiado palestino nascido na Síria. Os efeitos traumáticos de uma guerra podem permanecer mesmo após a morte daqueles que vivenciaram horrores de um conflito dessa dimensão. O conteúdo não elaborado pelos sobreviventes é transmitido às gerações seguintes, na expectativa de que estas possam lhe atribuir um sentido, implicando supressão dos limites e do espaço subjetivo individual. No entanto, garante a continuidade narcisista, bem como a manutenção dos vínculos, perpetuando um ideal narcísico sustentado pela lealdade aos antepassados. A herança psíquica transgeracional se dá por meio da identificação com elementos psíquicos não elaborados, sendo que alguns membros do grupo familiar os introjetam de modo incontestado. Nesse contexto, as redes das identificações funcionam como veículo da transmissão psíquica transgeracional.

**PALAVRAS-CHAVE** herança psíquica transgeracional; identificação; Guerra Civil da Síria; refugiado; trauma.

A cultura contemporânea é uma fonte incessante de horror. Nesse momento, aproximadamente 23 países enfrentam conflitos de longa duração. Além disso, oito guerras encontram-se em andamento, segundo relatório do Banco Mundial (2023). Sob esse cenário, o horror se manifesta por meio de ameaça de morte, perseguição, repressão, expulsão da terra de origem e abalo identitário, decorrente da desterritorialização. Como assegura a Agência da Organização das Nações Unidas para os refugiados (ACNUR, 2019), mais de uma em cada 73 pessoas no mundo foi forçada a mudar de país. Até setembro do presente ano (2023), mais de 114 milhões de pessoas no mundo foram forçadas a

---

1. Psicóloga, Psicanalista. Mestre e Doutora em Psicologia Clínica - PUC – SP.

abandonar seus países de origem em busca de segurança e liberdade. O deslocamento humano superou o crescimento demográfico mundial. Diante desse cenário, a Organização das Nações Unidas reconheceu a migração contemporânea como a crise humanitária mais grave desde a fundação desta instituição, em 1945 (ONU, 2016).

As sociedades totalitárias colocam o horror à disposição de todos, acarretando sofrimento ao próximo; mas não qualquer próximo, e sim aqueles que ousam pensar de modo diferente do mandatário. Este, por sua vez, opõe-se à autonomia e à dignidade do povo, tal como ocorrido em 2011 na Síria, quando o Governo reprimiu as manifestações populares mobilizadas a partir da Primavera Árabe. A Guerra Civil na Síria – ainda em curso – é responsável pela maior crise de deslocamento forçado no mundo. Na Síria, 6,9 milhões de pessoas estão deslocadas em território nacional e 6,6 milhões foram forçadas a deixar o país para sobreviver à guerra; elas se encontram refugiadas em diversos países, mas concentradas em territórios vizinhos, sendo que a Turquia é a nação que abriga o maior número de refugiados sírios – 3,7 milhões (ACNUR, 2022).

Nesse contexto, o traumático irrompe em decorrência da impossibilidade de elaboração da experiência vivida, o que se dá em função da emergência e da intensidade de excitação. O trauma psíquico se revela como uma experiência comum aos sobreviventes de catástrofes sociais; o sujeito se vê imerso em intenso desamparo, o que assola a confiança na vida, no outro e até mesmo em si próprio. A intensidade pulsional que se manifesta a partir de catástrofes sociais, como a guerra e o refúgio, remove o dispositivo protetor, aumentando, portanto, a vulnerabilidade psíquica. Assim, pode provocar “uma clivagem no eu e um colapso no aparato psíquico” (Antonello, 2020, p. 134). A violência impingida pelo trauma social está circunscrita no concreto e atual; portanto, sem relação com a história individual anterior (Sas, 2002; Rosal, 2022). Nesse contexto, o trauma é compreendido “não como o acontecimento em si, mas como uma consequência psíquica – a maneira pela qual o acontecimento foi acolhido e elaborado pelo psiquismo – e como o conjunto de suas consequências sintomáticas” (Koltai, 2018, p. 65).

A subjetividade do refugiado é vista como parte de um grupo familiar que migra e traz aspectos do contexto cultural em que estava inserido. Mas, ao ser arrancado de seu mundo de pertença, o sujeito perde de vista o seu mundo próprio, compartilhado com outros indivíduos sob condições sócio-histórico-culturais específicas (Oliveira, Costa & Mandelbaum, 2015). Hannah Arendt,

filósofa alemã de origem judaica, elucida os efeitos do desenraizamento ao narrar o que vivenciou durante a perseguição nazista. Em suas palavras:

Perdemos a nossa casa o que significa a familiaridade da vida cotidiana. Perdemos a nossa ocupação o que significa a confiança de que tínhamos algum uso neste mundo. Perdemos a nossa língua o que significa a naturalidade das reações, a simplicidade dos gestos, a expressão impassível dos sentimentos. Deixamos os nossos familiares . . . e os nossos melhores amigos foram mortos em campos de concentração e tal significa a ruptura das nossas vidas privadas (2017, p.8).

A memória da história de vida desses sujeitos é fortemente abalada quando o seu cotidiano é destruído. Dentre outros aspectos, porque “os cantos da cidade trazem impressas as marcas de homens e mulheres que os tocaram . . . A perda do espaço espolia as recordações que nele repousam” (Frochtengarten, 2005, p. 9). Logo, o luto se manifesta como um desafio a ser vivido concomitantemente às perdas que continuam ocorrendo. O drama próprio dos refugiados é ser um indivíduo com uma certa concepção de mundo, mas implantado em sua terra de migração, isto é, em um mundo em que ele é estrangeiro – a terra do refúgio. Contudo, ele perde os dois mundos e a si próprio, já que se encontra entre mundos. Ao perder o mundo, perde a si mesmo como homem (Oliveira, Costa e Mandelbaum, 2013, p.8). O refugiado reconhece, ao mesmo tempo, o desejo de partir e o temor que tal recomeço apresenta. Como asseverou Spinoza (1670/1999), o exílio representa uma triste alegria. De acordo com Moro (2015, p. 187), o refúgio é compreendido como:

um ato de coragem que engaja a vida dos indivíduos e ressignifica toda a história familiar dos sujeitos, inclusive por várias gerações. Este ato de coragem é vivido pelos indivíduos de forma ambivalente: desejo de partir e medo de abandonar a família, desejo de independência e de manter os laços, modo de resolução de conflitos familiares e efetivação de uma trajetória de ruptura ou de aculturação no interior de seu próprio país . . .

Em função do exposto, o objetivo do presente artigo é compreender os efeitos da herança psíquica transgeracional no psiquismo do herdeiro. Esse trabalho é oriundo de uma pesquisa de doutorado desenvolvida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), defendida em 2022. Para a realização desse estudo, foram entrevistados oito refugiados que vieram da Síria para o Brasil

em busca de proteção à vida e à liberdade de expressão. No entanto, ao produzir esse texto, selecionei a história de um único refugiado, o jovem Nassim.

## **Nassim e o refúgio de palestinos nascidos na Síria**

A fim de entender o sujeito, faz-se relevante conhecer o evento que desencadeou a condição sob a qual vive e, assim, localizá-lo em seu tempo. Nessa direção, Saffra (1999, s/n) assevera: “temos acontecimentos humanos, tipos de sofrimento, em que necessariamente precisamos ter uma visão histórica do homem. Nesse sentido, minha preocupação é restaurar o tempo no homem, a singularidade, o sofrimento específico que o paciente traz”. Em consonância com esse pensamento, a seguir, uma breve apresentação da história de Nassim.

Nassim tem 29 anos de idade, é solteiro, chegou ao Brasil em 2015 – no período mais conturbado da Guerra Civil da Síria. Como prevê a legislação síria, Nassim não foi convocado para a guerra, porque é o único filho homem. Veio sozinho para o Brasil, direto da Síria. Alguns de seus primos vieram antes; então, foi fácil encontrar hospedagem em São Paulo. Desde que chegou, trabalha como garçom em um bar que emprega muitos refugiados – de variadas nacionalidades. A maior parte de sua renda envia para os pais. É o provedor da família. Em sua história, o refúgio precede sua vinda para São Paulo. Seus avós refugiaram-se na Síria na ocasião da criação do Estado de Israel. Então, tanto seu pai quanto o próprio Nassim nasceram em território sírio.

A saga dos refugiados palestinos teve início em maio de 1948, quando foi criado o Estado de Israel. O território palestino foi, portanto, redefinido e o refúgio apresentado como uma forma de abrigar os que deixariam a terra de origem. Parte da população, ou seja, 800 mil palestinos, refugiou-se em países vizinhos, sendo 100 mil na Síria (Álvarez-Orrorio, 2009). As negociações realizadas em torno da oferta de refúgio asseguraram aos descendentes dessa população o direito à nacionalidade de *refugiado palestino*. Então, filhos, netos e bisnetos (e as gerações vindouras) nascidos sob o refúgio, incluindo os sírios de nascimento, são legalmente reconhecidos como *refugiados palestinos*. Esse aspecto é central para entendermos o modo como as gerações que precederam Nassim lidaram com a saída da Palestina e, conseqüentemente, o destino atribuído às produções psíquicas decorrentes dessa traumática experiência.

Ao longo das entrevistas, restou evidente a forte consciência de nacionalidade implicada na identidade do povo palestino, a qual, para o bem e para o mal, sucessivos refúgios não modificam - como evidencia a história de

Nassim. Nascido na Síria, nunca foi à Palestina. No entanto, mantém a esperança (ou utopia) de um dia retornar a esse território tão idealizado quanto a Pasárgada de Manuel Bandeira. A idealização do objeto perdido eleva as características da sonhada Palestina à perfeição, o que ajuda entender a ligação (eternizada) com esse lugar. Por várias vezes, verbalizou: “quando eu voltar para a Palestina”. Pergunto-me: como seria possível voltar a um lugar onde nunca estive – de modo concreto, objetivo? Mas, na verdade, a pergunta essencial seria: como sair de um lugar onde nunca estive (concretamente), mas onde vive sob uma espécie de refúgio psíquico? Aqui, faço um parêntese para ressaltar que, ao utilizar o termo “refúgio psíquico”, refiro-me ao conceito cunhado por John Steiner, psicanalista inglês de orientação kleiniana. Na perspectiva de Steiner (1997), essa expressão indica a fuga de um cenário marcado pela dor psíquica; consiste em uma organização psíquica defensiva e patológica que visa aplacar ansiedades primitivas provenientes de uma culpa insuportável. Tal mecanismo confere rigidez e estagnação, tanto à identidade quanto à própria análise desses pacientes. Com isso, acaba por minimizar as possibilidades de desenvolvimento e mudança. No *setting* psicanalítico clássico, o refúgio psíquico configura um lugar para onde o paciente pode se retirar com a finalidade de fugir do contato tanto com o analista quanto com a realidade à sua volta.

Do ponto de vista simbólico, um fato se mostra bastante significativo, qual seja: boa parte dos refugiados palestinos, nascidos nesse território, tanto aqueles que foram para Síria quanto aqueles que se abrigaram em outros países, levaram na bagagem a chave da casa onde moravam. Isto porque têm esperança de voltar e retomar a vida tal como era antes do refúgio. Querem adentrar em suas antigas propriedades abrindo a porta principal com sua chave, pois sentem que a Palestina sempre será seu lugar no mundo, seu único lugar. No entanto, mais de 70 anos se passaram. A Palestina não é a mesma da época do avô de Nassim, tampouco é o lugar idealizado por seus predecessores. Esta situação lembrou-me o poema *José*, de autoria do poeta Carlos Drummond de Andrade: “E agora, José? / Com a chave na mão / quer abrir a porta, / não existe porta. / . . . José, e agora?”

## **Sujeito do inconsciente, sujeito da herança**

A construção da subjetividade começa na vida intrauterina, por meio da comunicação que se institui entre o psiquismo da mãe e o psiquismo do futuro

bebê. Esse vínculo se estabelece na interação do espaço psíquico e subjetivo de um sujeito com o outro e, concomitantemente, de uma geração para outra, representado na psique desde a formação da pulsão (Kaës, 2014). Assim, a mãe transmite o que herdou de seus pais, que, por sua vez, herdaram de seus avós, e assim sucessivamente.

O caráter primitivo do psiquismo do recém-nascido não faz frente às demandas fisiológicas e psíquicas que se manifestam fortemente nesse período da vida. O bebê encontra-se subordinado a impulsos intensos e desorganizados, uma vez que é dominado pelo Id. Inicialmente, não distingue estímulos internos de externos e, por conseguinte, não se diferencia do objeto: o recém-nascido está ausente de si mesmo. É exatamente a origem “o que foge ao nosso controle no próprio movimento em que somos constituídos no e pelo desejo de um outro, e, além do mais, de um outro que nos precede” (Kaës, 2001, p. 11). A vida emerge do encontro do corpo do bebê com as produções psíquicas da mãe. Nessa direção, os primeiros encontros com a figura materna são determinantes para a fundação do psiquismo, sejam estes amorosos ou hostis (Aulagnier, 1993 citada em Kaës, 2001). Portanto, os vínculos parentais possuem importância capital na formação do psiquismo.

A chegada de um filho reaviva o narcisismo dos pais. Estes tendem a atribuir aos filhos características supra valorizadas, beirando a perfeição, ao mesmo tempo em que suprimem os traços menos valiosos. Freud (1914/1988, p.97) afirma que “se prestarmos atenção à atitude de pais afetuosos para com os filhos, temos de reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram.” Ademais, os pais delegam a realização de seus desejos frustrados aos filhos, o que permite a identificação – ou não – com o conteúdo transferido.

Quando o narcisismo dos pais é herdado por meio da identificação projetiva, o psiquismo do filho (identificado com os aspectos projetados) fica congelado em um “sempre que caracteriza o inconsciente, qualificado de atemporal” (Silva, 2013, p.30). Assim, o narcisismo dos pais pode exercer o poder de alienar a identidade do filho, não lhe restando o espaço psíquico necessário para se desenvolver longe dessas influências nefastas. A alienação consiste em uma organização alheia ao ego, uma vez que pertence ao outro; constitui a base da clivagem do ego da criança. Esse aspecto, próprio do infantil, pode se pronunciar no adulto. No entanto, quando o ego toma conhecimento dessa dinâmica psíquica, a clivagem alienante pode efetivamente ser modificada. Para tanto, faz-se necessário pensar sobre a herança recebida, o que favorece a

diferenciação do eu em relação ao outro. Por conseguinte, permite o distanciamento crítico do conteúdo, até então alheio ao sujeito.<sup>2</sup>

Aqui, cabe um parêntese para mostrar como os termos identificação e identidade são usados nesse texto. Em consonância com Roudinesco e Plon (1998), entendo identificação como processo psíquico central na constituição e transformação do sujeito. Ocorre em momentos fundamentais de evolução do sujeito, por meio da assimilação ou apropriação de aspectos, atributos ou traços das pessoas que o cercam. Em *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud (1912/2020) mostra a dupla borda sobre a qual a psique, suas instâncias e ramificações se apoiam na relação entre o Eu (neurótico) e o outro. Especificamente, na segunda tópica do aparelho psíquico apresenta o Eu como: (a) uma instância herdada do narcisismo dos pais; (b) resultado das identificações da criança com seus pais e/ou seus substitutos (professores, outras figuras parentais); e (c) ainda com os ideais coletivos. É por meio desse processo que se constitui a identidade, aqui entendida como “aquilo por meio do que nos reconhecemos como ‘nós mesmos’ – resulta de um amálgama de identificações, ou seja, de incorporação de modelos oferecidos pelo ambiente em que vivemos” (Mezan, 2017, p.60).

Em suma, a singularidade se forma a partir dos vínculos parentais, por meio dos investimentos narcísicos, da complementaridade, das identificações, da diferenciação e das renúncias.

## **Herança psíquica e transmissão do trauma**

O pai da psicanálise empregou o termo *Die Vererbung* a fim de denominar o que se transmite por herança, como o conteúdo psíquico ancestral. Ao longo de sua obra, utilizou quatro palavras para designar as nuances do termo “transmissão” em variados textos. *Die Übertragung* é usado em referência aos processos de transmissão de pensamento, como telepatia e o contágio que emerge nos grupos psicológicos. Tal termo foi também utilizado para transmissibilidade em si (*die Übertragbarkeit*), a transferência psicanalítica. *Die Erwerbung* indica a aquisição de traços adquiridos pela transmissão psíquica, como mostrou no Caso Dora. *Die Erblichkeit* nomeia a herança biológica ou por sucessão jurídica, utilizado para designar hereditariedade e herança (Kaës, 2001). Vale ressaltar que a primeira vez que usou o termo em questão foi em *Estudos sobre a histeria*

---

2. Esse conceito será explorado na seção seguinte.

(1895); seguiu explorando tal termo até seus últimos escritos, como *Análise terminável e interminável* (1937) e *Moisés e o Monoteísmo* (1939). Kaës (2002, p. 51) pontua que o pai da psicanálise reconheceu duas vias de transmissão, a saber: “Uma passa pela cultura e pela tradição, e seu suporte é o aparelho cultural e social que garante a continuidade de geração em geração; a outra é formada por *essa parte orgânica* da vida psíquica das gerações ulteriores [...]”.

Cada família elegerá os canais de comunicação por meio dos quais transmitirá seu legado de uma geração para outra. Na *transmissão psíquica*, o interjogo estabelecido entre o narcisismo dos pais e o espaço psíquico do filho se dá de duas formas, a saber: o primeiro momento desse amor narcísico foi denominado de *função de apropriação*; e o segundo, relativo ao ódio narcísico, de *função de intrusão*. Ambas as formas são características da regulação narcísica de objeto e configuram um regime narcísico da ordem da *apropriação/intrusão*. Faimberg (2001, p.81) afirma: “na função de apropriação, os ‘pais internos’, ao se identificarem com o que pertence ao filho, apropriam-se da identidade positiva deste. Na função de intrusão, ao expulsarem ativamente no filho tudo o que rejeitam, definem-no por sua ‘identidade negativa’”.

Kaës (2001) reconheceu duas modalidades de herança, quais sejam: (a) intergeracional e (b) transgeracional. A primeira, por um lado, é transmitida por meio dos processos psíquicos que determinada geração transfere à geração seguinte, ocorrendo em duas direções, tanto entre os pais e seus bebês quanto entre os filhos e seus pais, o que caracteriza uma transmissão ascendente. É constituída por processos psíquicos elaborados, a parte saudável do legado. Como afirma Kaës (2001, p.12), envolve a “precessão do sujeito por mais de um outro.” Esse tipo de transmissão é mediado pela capacidade de pensar, o que permite a geração atual refundar e, portanto, fortalecer parte do legado; a outra parte é recusada ou negada. Tal como afirma Anhaia-Mello (2004, p. 209), “A herança intergeracional é constituída de vivências psíquicas elaboradas: fantasias, imagens, identificações, que organizam uma história familiar, uma narração mítica, da qual cada indivíduo pode extrair os elementos necessários à constituição de sua história familiar individual neurótica.” À vista disso, o novo membro da família (re)cria sua existência e, assim, diferencia-se do outro. A elaboração da herança evita que o ego sucumba à alienação, à sensação de vazio e à estrangeiridade. A essência desse conceito é captada de forma magistral pelo escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe, no trágico e belo poema intitulado *Fausto*, citado por Freud no texto *Totem e Tabu* (Freud, 1912/1995, p.160): “Aquilo que herdaste de teus

pais, conquista-o para fazê-lo teu.” A herança familiar promove a sensação de segurança necessária para que o sujeito arrisque voo solo e se aproprie de sua própria singularidade. Portanto, faz-se necessário identificar-se com o Outro para, então, diferenciar-se; a partir da pluralidade, a singularidade é construída (Rosal, 2022).

A herança psíquica transgeracional se dá por meio da identificação com elementos psíquicos não elaborados, relativos ao traumático. Neste sentido, alguns membros do grupo familiar os introjetam de modo incontestado, ao longo de várias gerações. Como definido por Silva (2013, p. 30): “a transmissão transgeracional refere-se a um material psíquico inconsciente que atravessa diversas gerações sem ter podido ser transformado e simbolizado, promovendo lacunas e vazios na transmissão, impedindo uma interação psíquica.” Assim, o conteúdo não elaborado é transmitido às gerações seguintes, na expectativa de que estas possam atribuir-lhes um sentido. No entanto, quando o conteúdo transmitido permanece desligado, e uma vez que não pode ser simbolizado, passa a rondar o sujeito como um potencial trauma. Como afirma Paiva (2009, p. 79): “Questões não representadas em uma geração habitam na família como um presente, ausente. Presente como perturbação. Ausente como representação. Aqui alcançamos, em nossa temática, a fragilidade do símbolo e a transmissão transgeracional.” Sendo assim, a transmissão transgeracional diz respeito tanto ao que garante a continuidade narcisista quanto à manutenção dos vínculos familiares e sociais. Manifesta-se como forma estruturante da personalidade e abarca formas desestruturantes, *a parte maldita da herança psíquica* (Eiguer, 1998 apud Paiva, 2009). Nesse sentido, a transmissão é uma forma pouco eficiente de lidar com a angústia e com a dor.

Para Freud (1914/1988), a transmissão se dá em torno do negativo. Portanto, daquilo que faltou ou falhou, como, por exemplo, a não realização dos desejos dos pais ou a frustração do que fora sonhado por estes. Por sua vez, Kaës (2001) aponta para uma negatividade mais violenta. Afirma que a negatividade se organiza com base no que não adveio, da ausência de inscrição ou de representação. Além disso, pode se organizar a partir do que está em estase ou não está inscrito. No entanto, faz-se presente por meio da encriptação. Nas palavras de Kaës (2001, p.21):

... talvez seja no que escapa ao nosso querer e à nossa atividade de representação que o essencial da transmissão se dá, é também a ausência do interdito que torna impossível a representação, o jogo da fantasia, o prazer e o trabalho do pensamento.

A urgência em transmitir o negativo é concomitante à urgência de interromper uma transmissão. Desse modo, pressão dirigida tanto à continuidade da transmissão quanto à interrupção desse processo produz consequências distintas, tais como: “depósitos, enquistamentos, projeção ou rejeição do não recalcado” (Kaës, 2001, p. 17). A transmissão assegura que as gerações permaneçam vinculadas entre si por meio de um sofrimento cuja origem é ignorada.

O legado psíquico implica supressão dos limites e do espaço subjetivo individual. No entanto, garante a continuidade narcisista e a manutenção dos vínculos, perpetuando um ideal narcísico sustentado pela lealdade aos antepassados. De acordo com Kaës (2001, p. 9): “Ampara e assegura as continuidades narcísicas, a manutenção dos vínculos intersubjetivos, a conservação e complexidade das formas e da vida: ideais, mecanismos de defesa, identificações, certezas, dúvidas.” Tal como definido por Abraham & Torok (1995), essa modalidade de transmissão da herança psíquica ocorre por meio da circulação de fragmentos inconscientes entre várias gerações. O conteúdo não simbolizado ultrapassa os limites psíquicos e invade com violência o mundo interno do herdeiro. Assim, habita-o como uma espécie de fantasma que representa um saber não conhecido cuja transmissão remete à ferida narcísica. A escuta da história de Nassim aponta a saída da Palestina como uma ferida narcísica não elaborada. Na impossibilidade de viver o luto pela perda da terra de origem, seus ancestrais se apoiaram na ideia de retornar à Palestina, o que é repetido incessantemente por seus descendentes. O modo como esse refúgio foi acolhido no psiquismo de seus avós parece constituir a parte oculta do legado familiar.

Ao se referir à violência empregada na transmissão, Fédida (1982 citado por Kaës, 2001) afirma que as produções relativas à hereditariedade e à procriação definem uma zona inter-humana violentamente frágil, na qual se cristalizam as angústias mais primitivas. Assevera ainda que tais angústias dão voz às crenças fortemente enigmáticas. Kaës (2001) chama a atenção para uma violência frequente nesse contexto: afirma que a descoberta do enodamento intersubjetivo do sintoma, geralmente vivida como revelação de uma violência, consiste em desapossamento da subjetividade do sujeito. Entendo que dificilmente haverá algo tão violento e intrusivo quanto o ataque à subjetividade do herdeiro.

Ao tomar como referência o texto *Totem e Tabu* (1912-1913/1995), Kaës (2001, p. 27) expande o conceito de transmissão, afirmando que, após o assassinato do pai originário, o que se transmite à geração seguinte é:

[...] o interdito de matar o pai, é transmitido pelo efeito do duplo movimento e [...] de uma dupla necessidade: pela impossibilidade de não transmitir o traço e o recalçamento do que ele representa no recalçamento, e pelo processo de identificação apropriativa. Essa apropriação é efeito do desejo do outro pelo objeto do outro. A vertente da pressão para transmitir, que pertence ao coletivo e da qual o grupo é o intermediário, tem como correlato a vertente do desejo individual de se apropriar de algo do outro, constituindo correlativamente o outro e o sujeito.

Nesse sentido, a transmissão é uma forma pouco eficiente de lidar com a angústia e com a dor, pois o trauma é transmitido em função da incapacidade de retê-lo, de lembrá-lo ou de ressignificar “a falta, a doença, a vergonha, o recalçamento, os objetos perdidos, e ainda enlutados” (KAËS, 1998, p. 14).

No texto *Moisés e o Monoteísmo*, Freud (1912/1995, p. 159) pergunta: “Quais são as maneiras e os meios empregados por determinada geração para transmitir seus estados mentais à geração seguinte?” Em relação a Nassim, a transmissão da parte consciente do legado familiar se deu por meio das histórias contadas, repetidas vezes, sobre o refúgio de seus predecessores da Palestina para a Síria. Vale ressaltar, “assim que lhes contamos (aos filhos) as histórias de nossas famílias, introduzimos o ancestral como referência (Hamad & Melman, 2019, p.85). Assim, explicam a força da origem ou fundação de uma tradição familiar.

Contudo, no discurso consciente, há sempre algo de inconsciente. Por isso, é central em sua história entender o que herdou, além do que já se conhece sobre a saída da terra de origem. Em minha concepção, a parte inconsciente do legado consiste na recusa à perda da Palestina. Sob esse cenário, o mecanismo da recusa se configura de modo distinto da recusa relacionada à psicose ou à perversão (recusa em reconhecer a falta do falo na mãe). Sendo assim, a realidade negada não foi substituída por uma fantasia que passou a ser vivida tal como se fosse realidade; tampouco o objeto de desejo foi substituído, como ocorre no fetiche (Freud, 1924/1988). A parte oculta do legado de Nassim consiste na recusa da percepção de um fato ou história que se impõe no mundo externo (a saída da Palestina) e apavora o sujeito, pois este a reconhece como um perigo demasiadamente grave (Freud, 1915/1979). Nas palavras de Kaës (2014, p. 46), “a recusa consiste, assim, na negação de uma percepção da realidade externa.” Em relação ao conteúdo psíquico transmitido entre gerações, o objeto da recusa é substituído por uma construção imaginária, como a idealização do retorno à Palestina. O autor diz ainda que a recusa é uma defesa utilizada para afrontar

situações catastróficas, como observado na história transferida pela família de Nassim, ao longo de três gerações. Alimentar a crença de retornar ao lugar de origem e assegurar legalmente a nacionalidade *refugiado palestino* são indícios da recusa em questão. Enquanto vivem em torno desses sinais, a perda fica em suspenso. Então, o legado impõe a Nassim a missão de não deixar a perda já sofrida acontecer – algo da ordem do impossível. O cerne de sua herança é restabelecer o idílico: o retorno à Palestina e, de preferência, com a chave da casa em punho. Sem contestação, Nassim tomou para si a responsabilidade de velar um morto do qual não pôde se despedir (o retorno à terra de seus ancestrais). O que se transmite em segredo (o indizível) remete ao enquistamento no inconsciente da parte herdada que se perpetua como um fantasma. Por isso, Nassim não se reconhece sírio, tampouco brasileiro. À propósito, conduz sua vida no Brasil a partir de dois preceitos: manter financeiramente a família, hoje refugiada no Líbano, e “voltar” a viver na Palestina.

Como afirma Freud (1924/1988, p. 20), na neurose, inicialmente se reconhece a perda, mas, em seguida, a realidade é recusada. Assim, “a neurose não repudia a realidade, apenas a ignora.” Com isso, a angústia é organizada por meio da clivagem do ego, que acomoda o antagonismo entre reconhecer e ignorar. Tal funcionamento psíquico é observado quando os avós de Nassim deixaram a terra de origem e, ao mesmo tempo, dedicaram sua existência ao sonhado retorno a este lugar. Tal desejo foi introjetado no psiquismo do herdeiro que, identificado com seus predecessores, alimenta a ideia de realizar o que estes não conseguiram, como mostra a fala a seguir.

—Mas, nunca esquece a casa (a Síria) e a Palestina que não conheço ainda. A Palestina está no sangue, no coração. [...]. Mesmo eu ficando aqui, vai chegar um dia que eu quero ir para a Palestina. Até lá, o lugar é o Brasil. Hoje meu país é o Brasil, está na frente da Síria (mas, não da Palestina) – (grifos meus).

Esse cenário me remeteu ao conceito de identificação inconsciente alienante. Esse tipo de identificação está submetido ao regime da regulação narcísica, assegurando um sistema próprio de reprodução. De acordo com Faimberg (2001, p. 136), a transmissão alienante se dá do seguinte modo:

Os pais perdem a função de fiadores, para a criança, do valor de investigação das verdades psíquicas e ocupam seu lugar. A criança fica sujeita ao que os pais dizem e calam. Passa então a depender (de maneira paradoxal), para sua própria sobrevivên-

cia psíquica, dessa versão narcísica fundadora que é mantida em silêncio pelos pais, perdendo assim o livre acesso à interpretação de seu próprio psiquismo.

Na história de Nassim, a lealdade a seus antepassados é, portanto, o resultado dessa identificação alienante que impede de integrar autenticidade à sua identidade.

Freud (1921/2020) relaciona a herança psíquica aos ideais coletivos. Assim, diversos grupos sociais funcionam como grupos psicológicos, sendo constituídos a partir de um ideal que se põe a serviço da clivagem do ego. A coesão do grupo é intensificada pelo contágio em torno de um legado transmitido por meio de um regime narcísico intrusivo. Na cultura de Nassim, esse fenômeno pode ser observado, por exemplo, no movimento pela Causa Palestina. Em sua história individual, participar desse movimento parece acomodar a alienação narcísica em torno do luto não elaborado pelas gerações anteriores. Como assevera Freud (1921/2020), ao pertencer a um grupo psicológico, a singularidade do sujeito é diluída. Concomitantemente, a possibilidade de simbolizar o legado psíquico é reduzida significativamente. Com isso, estabelecer uma fronteira entre o ego e herança não simbolizada parece continuar distante para Nassim.

Em alusão ao subtítulo do presente texto, extraído da música *Funeral de um lavrador*, de autoria de Chico Buarque de Hollanda, acredito que, nessa situação, o sujeito se pergunta qual seria a parte que lhe cabe no latifúndio psíquico que recebeu como herança. No entanto, pensar sobre o conteúdo traumático ou inconsciente (latifúndio) é possível quando tal conteúdo alcança a consciência. Somente por meio dessa instância psíquica (o inconsciente) o sujeito poderá posicionar-se como herdeiro legítimo e autêntico dos elementos com os quais se identificou. Assim, se distanciará do lugar de escravo ou prisioneiro do legado. À medida que destituir seus antepassados da posição de grileiros – aqueles que se apossam de parte importante do território a ser cultivado, o psiquismo do herdeiro –, poderá apropriar-se de parte do legado familiar e, concomitantemente, recusar a parte da herança alheia à sua singularidade.

O processo de diferenciação se dá pelo trabalho psíquico de elaboração tanto do sujeito quanto do grupo. Nesse sentido, os pais também precisam elaborar o traumático, o narcisismo. Devem reconhecer o que lhes é próprio a fim de respeitar a singularidade do outro que lhes sucede. O trabalho psíquico da transmissão é, ao mesmo tempo, um processo e o resultado de ligações psíquicas entre inconscientes. Inclui, ainda, as transformações operadas por essas ligações (KAËS, 2014).

## Considerações finais

A história de Nassim foi constituída a partir do legado psíquico transgeracional forjado em torno de uma ferida narcísica: a saída da terra de origem. A destituição da Palestina estremeceu o senso de pertencimento e a identidade de uma família que se mostrou desprovida de recursos psíquicos para elaborar tal perda. Ao contrário disso, perpetuou a ideia de retomar o passado. Ao referir-se aos detentos dos campos de concentração, Todorov (1999, p.83) aponta um caminho oposto ao seguido pelos avós de Nassim. Diz que alguns prisioneiros tiveram força e “sabedoria de não dividir com os filhos a totalidade de sua experiência. De outro modo, filhos teriam vivido não suas próprias vidas, mas as dos pais. . . . simplesmente não deixaram o passado confundir-se com o presente e determiná-lo”. Ao contrário, Nassim não foi poupado dos excessos que atravessaram sua história familiar.

Seu legado, portanto, foi transmitido por meio da função de intrusão e de uma identificação narcísica que lhe rendeu uma identidade negativa – alienada na história de seus ancestrais. A violência da transmissão da recusa da perda da Palestina interditou a possibilidade de se apropriar de sua autenticidade. Nassim parece leal à ideia de restaurar a vida que se tinha antes da saída de seus avós da Palestina. Literalmente, ele tem a chave da casa de seus avós, mas essa casa já não existe fora das histórias que lhe foram contadas.

A herança transgeracional, portanto, coloca o sujeito às voltas com o resgate, a perda e a apropriação do legado psíquico que se repete de uma geração para outra. Nesse sentido, a filiação, o parentesco e a relação de consanguinidade consistem em escolha, manipulação e reconhecimento social. Desse modo, por meio do nome e da fala, os sistemas de parentesco organizam a identificação e os relançam às gerações seguintes.

Romper com o legado psíquico insere o sujeito no campo da ambivalência e abala a segurança que a família confere. Nassim indica temer o árduo trabalho que será demarcar o latifúndio no qual habita. Ao mesmo tempo, desconhece a intrínseca relação entre a lealdade ao legado familiar e o sofrimento produzido por viver a história de outro.

***Transgenerational psychic inheritance: “what part of the latifundio which you will keep?”***

**ABSTRACT** *The aim of this article is to discuss the fate of trauma based on the story of a Palestinian refugee born in Syria. The traumatic effects of a war can remain even after the death of those who experienced the horrors of such a conflict. The content not elaborated by the survivors is passed on to subsequent generations in the expectation that they will be able to make sense of it, implying the suppression of boundaries and individual subjective space. However, it guarantees narcissistic continuity and the maintenance of bonds, perpetuating a narcissistic ideal sustained by loyalty to ancestors. Transgenerational psychic inheritance happens through identification with unelaborated psychic elements, with some members of the family group introjecting them unquestioningly. Thus, the networks of identifications function as a vehicle for transgenerational psychic transmission.*

**KEYWORDS** *transgenerational psychic inheritance; identification; Syrian Civil War; refugee; trauma.*

***Herencia psíquica transgeneracional: “¿cuál es tu parte que te cabe de este latifundio?”***

**RESUMEN** *El objetivo de este artículo es debatir el destino del trauma a partir de la historia de un refugiado palestino nacido en Siria. Los efectos traumáticos de una guerra pueden permanecer incluso después de la muerte de quienes experimentaron los horrores de un conflicto de tal magnitud. El contenido no elaborado por los supervivientes se transmite a las generaciones posteriores con la esperanza de que sean capaces de darle sentido, lo que implica la supresión de los límites y del espacio subjetivo individual. Sin embargo, garantiza la continuidad narcisista y el mantenimiento de los vínculos, perpetuando un ideal narcisista sustentado en la lealtad a los antepasados. La herencia psíquica transgeneracional se produce a través de la identificación con elementos psíquicos no elaborados, que algunos miembros del grupo familiar introyectan de forma incuestionable. Así, las redes de identificaciones funcionan como vehículo de transmisión psíquica transgeneracional.*

**PALABRAS CLAVE** *herencia psíquica transgeneracional; identificación; Guerra Civil Siria; refugiado; trauma.*

## **Referências**

- Abraham, N. & Torok, M. (1995). *A casca e o núcleo*. Escuta.
- Agência da ONU para refugiados (2022). *Síria*. <https://www.acnur.org/portugues/siria/>.
- Agência da ONU para refugiados (2023, junho). *Global Trends, 2022. Brasil*. <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio>.

- Agência da ONU para refugiados. (ACNUR, 2019). *Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados*. Brasil. <https://nacoesunidas.org/agencia/acnur/>.
- Álvarez-Ossorio, I. (2009). Una independencia turbulenta. *Síria contemporânea* (Cap. 2, pp.49-61). Síntesis.
- Anhaia-Mello, M.C.P.S. M. (2004). Reseña de *A herança psíquica na clínica psicanalítica* de Maria Cecília Pereira da Silva. *Psychê*, 8 (13), 156-158. <https://www.redalyc.org/pdf/307/30701315.pdf>
- Antonello, D.F. (2020). *Trauma, memória e figurabilidade na literatura do testemunho*. Appris.
- Arendt, H. (2017). *Nós, os refugiados*. LusoSofia Press.
- Banco Mundial. (2023). *Relatório Anual 2023: uma nova era no desenvolvimento*. <https://www.worldbank.org/en/about/annual-report#anchor-annual>.
- Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. (7 de março de 2014). *CRP SP - Projeto Diálogos 2 - Gilberto Safra, em busca da sagrada singularidade do ser humano*. [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=Dsu-p5TQW1c>. (Vídeo produzido em 2000).
- Faimberg, H. (2001). A telescopagem das gerações a propósito da genealogia de certas identificações. In: R. Kaës; H. Faimberg; M. Enriquez, M. & J.J. Baranes. *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. Casa do psicólogo.
- Freud, S. (1988). Sobre o narcisismo: Uma introdução. In *Obras Completas de Sigmund Freud*. Tradução Jayme Salomão. (2. ed.) Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1995). Estudos sobre a histeria. In *Obras Completas de Sigmund Freud*. Tradução Jayme Salomão. (Vol. II., 3. ed.) Imago. (Trabalho original publicado em 1893).
- Freud, S. (1995). O retorno do totemismo na infância. In *Totem e tabu. Obras completas de Sigmund Freud*. (Vol. XIII., 2. ed.) Imago. (Trabalho original publicado em 1913).
- Freud, S. (2020). Psicologia das massas e análise do eu. In *Cultura, sociedade e religião. O mal-estar na cultura e outros escritos*. Autêntica. (Trabalho original publicado em 1921).
- Frochtengarten, F. (2005). *Memórias de vida, memórias de guerra: um estudo psicossocial sobre o desenraizamento*. Perspectiva / FAPESP.
- Hamad, N. & Melman, C. (2019). *Psicologia da imigração*. Instituto Langage.
- Kaës, R. (1998). Os dispositivos psicanalíticos e as incidências da geração. In A. Eiguer (Org.). *A transmissão do psiquismo entre gerações*. Unimarco.
- Kaes, R. (2001). Introdução ao conceito de transmissão psíquica no pensamento de Freud. In: R. Kaës; H. Faimberg et al. (org.) *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. Casa do Psicólogo.
- Kaës, R. (2001). O sujeito da herança. In: R. Kaës; H. Faimberg et al. (org.). *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. Casa do Psicólogo.
- Kaës, R. (2014). *As alianças inconscientes*. Ideias & Letras.
- Koltai, C. (2018). Os errantes, um desafio para a psicanálise: uma clínica da errância? *Revista Brasileira de Psicanálise*, 52 (3), 60-72.

- Mezan, R. (2017). Nasrah e seus irmãos: sobre os limites da tolerância. *Sociedade, cultura e psicanálise* (pp.47-70). Blucher/Karnac.
- Moro, M. R. (2015). Psicoterapia transcultural da migração. *Psicologia USP*, 26, (2), 186-192. <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v26n2/0103-6564-pusp-26-02-00186.pdf>.
- Oliveira, T.B.; Costa, L.P. & Mandelbaum, B. (2015). *As subjetividades no entre-mundos: escuta psicanalítica de uma família migrante*. [Apresentação de trabalho] XIV Encontro Nacional da ABRAPSO - Diálogos em Psicologia Social. Disponível em: <[http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab\\_completo\\_217.pdf](http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab_completo_217.pdf) .
- Piva, A. (2009), A fragilidade do símbolo e a transmissão transgeracional. *Contemporânea – Psicanálise e Transdisciplinaridade*, 7, 74-85. <https://www.revistacontemporanea.org.br/revistacontemporaneaanterior/site/wp-content/artigos/artigo207.pdf>.
- Rosal, A.S.R. (2022). *Refúgio: um mal-estar contemporâneo. A experiência de refugiados vindos da Síria*. [Tese de doutorado em Psicologia Clínica]. Programa de Estudos Pós-graduados, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Sas, S.A. (2002). Situations sociales traumatiques et processus de la cure. *Revue française de psychanalyse*, 66 (3), 923-933. <https://www.cairn.info/revuefrancaise-de-psychanalyse-2002-3-page-923.htm#>.
- Silva, M.C.P. (2013). *A herança psíquica na clínica psicanalítica*. Casa do Psicólogo.
- Spinoza, B. (1999). *Traité théologique-politique*. PUF. (Trabalho original publicado em 1670).
- Steiner, J. (1997). *Refúgios psíquicos: organizações patológicas em pacientes psicóticos, neuróticos e fronteiriços*. Imago.
- Todorov, T. (1999). *O homem desenraizado*. Record.

Recebido: 30/11/2023

Aceito: 20/02/2024

---

**Anna Sílvia Rosal de Rosal**  
annasilviarosal@gmail.com